

Aprendizagens colaborativas em brincadeiras cantadas e jogos musicais numa oficina de música com crianças

Andréia Pires Chinaglia de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
andpoliveira@hotmail.com

Viviane Beineke
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
vivibk@gmail.com

Resumo: Pesquisa com objetivo principal de investigar como as crianças se apropriam das brincadeiras cantadas e dos jogos musicais e os transmitem e reinventam numa oficina de música. O referencial teórico foi construído com base nos estudos de Kathryn Marsh (2008), que investigou os jogos cantados realizados pelas crianças nos pátios escolares em diversos contextos sociais e étnicos. A pesquisa foi realizada no Curso de Extensão Brincando Criando e Cantando, oferecido pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). A investigação consistiu num estudo de caso com abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados por meio de observação participante, de um caderno de anotações das crianças e entrevistas de grupo focal. Após a organização e descrição dos dados foram destacadas três categorias de análise com base no que as crianças fizeram, falaram e escreveram: o processo de aprendizagem; a interação com os pares; o tempo e o espaço para a realização das brincadeiras e dos jogos. As análises mostraram que as crianças aprendem, ensinam e reinventam as brincadeiras cantadas e os jogos musicais num processo holístico de aprendizagem, na colaboração entre pares. Nas atividades lúdicas se criavam possibilidades para a interação entre as crianças, que interagiam e aprendiam com os outros colegas, trocando experiências e desenvolvendo sua autonomia. Acredita-se que os resultados de estudos dessa natureza possam contribuir para repensar as metodologias de ensino da música, valorizando a aprendizagem entre as crianças, estimulando sua autonomia e sua capacidade de elaborar suas próprias ideias de música.

Palavras chave: brincadeiras cantadas; jogos musicais; aprendizagem colaborativa.

Introdução

Pesquisas têm revelado a importância do uso de brincadeiras e jogos para a aprendizagem musical das crianças. Na área de educação musical, estudos como os de Marsh (2008, 2013) e Souza (2009) buscam compreender como acontece a aprendizagem musical por meio de brincadeiras e jogos, em contextos de prática musical informal,

observando o potencial dessas práticas para a aprendizagem musical. Tais trabalhos sugerem que esses processos de aprendizagem musical informal e intuitiva das crianças podem contribuir com o ensino musical em contextos formais de educação musical.

Nessa perspectiva, esta pesquisa¹ teve por objetivo investigar como as crianças se apropriam das brincadeiras cantadas e dos jogos musicais, transmitindo-os e reinventando-os numa oficina de música.

A pesquisa foi realizada com as crianças do curso de extensão “Brincando, Criando e Cantando”, que é uma ação do Projeto de Extensão Música, Escola e Comunidade, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O curso atendeu 30 crianças com idades entre 7 e 12 anos, com objetivo de promover a aprendizagem do canto por meio de atividades lúdicas. Concluída a pesquisa, seus resultados são apresentados neste artigo.

Fundamentação Teórica

O referencial teórico desta pesquisa foi construído com base nos estudos de Kathryn Marsh (2008; 2013), que investigou sobre jogos cantados realizados pelas crianças em pátios escolares, *playgrounds* e em diversos contextos sociais e étnicos na Austrália, na Noruega, nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Coreia do Sul.

Ao explorar o jogo musical das crianças, Marsh (2008, 2013) concentrou-se nos jogos de canto que envolvem os elementos inter-relacionados de melodia, ritmo, texto e movimento com batidas de mãos e coreografias. Esses jogos são aprendidos e ensinados pelas próprias crianças. Marsh (2008) afirma que na transmissão oral se conservam determinados padrões e há constante transformação e inovação de texto, música e movimento.

Segundo Marsh (2008), os jogos de canto realizados nesses contextos ofereciam importantes estudos de como as crianças transmitiam, mantinham e transformavam os jogos do parque infantil. Dessa forma, identificou o caráter colaborativo entre as crianças, apontando como uma característica de jogo musical a sua importância como forma de interação social.

¹ Mestrado realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Assim, segundo Marsh (2008), no pátio escolar as crianças partilham ideias no jogo musical, sincronizam seus movimentos rítmicos com os outros e imitam ideias melódicas simples. Além disso, elas ensinam livremente os jogos que já sabem umas às outras e sugerem outros textos, músicas ou movimentos, ensinando novos jogos que são aprendidos em outros contextos, criando variações para diversão de seus companheiros de jogo. Tais atividades promovem uma interação colaborativa e dinâmica entre os participantes do grupo.

Segundo a autora, as crianças geram variações nos gestos, textos, melodias e ritmos a partir de uma expansão e combinação de ideias que acontecem de forma espontânea durante o jogo. Marsh (2013) ensina que os professores podem colaborar com as crianças na oferta de oportunidades para essas variações a partir de atividades em sala com todos juntos ou em pequenos grupos.

Diante dessas ideias, buscamos responder a seguinte questão: se as crianças ensinam e aprendem os jogos de forma livre e espontânea, dentro de uma cultura de pares, nos espaços de recreio nos pátios escolares no processo de aprendizagens colaborativas, como elas podem fazer isso dentro da sala de aula?

Para encontrar a resposta, desenhamos o objetivo de pesquisa que foi investigar como as crianças se apropriam das brincadeiras e dos jogos musicais, transmitindo-os e reinventando-os no contexto de uma oficina de música.

Trajetórias da pesquisa

Diante do objetivo da pesquisa, decidimos por um estudo de caso com abordagem qualitativa com as crianças participantes do curso de extensão “Brincando, Criando e Cantando” do Projeto Música, Escola e Comunidade da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O curso atendeu 30 crianças com idades entre 7 e 11 anos, da comunidade externa, em dependências do Bloco de Música da UEM. As aulas foram ministradas por uma estagiária do último ano do curso de licenciatura em Música com auxílio de 4 monitores.

A abordagem qualitativa permitiu o uso de múltiplas fontes de coleta de dados a fim de obter diferentes perspectivas para compreender a questão. Optou-se, então, nesta

pesquisa, por 3 fontes de dados: 1) observação participante com registro em vídeo; 2) caderno de anotações; 3) entrevista de grupo focal.

As observações participantes aconteceram em 9 encontros sequenciais, com a intenção principal de apreender e registrar como as crianças se apropriavam, transmitiam e reinventavam as brincadeiras cantadas e os jogos musicais. Para isso, além de participar em conjunto com elas, também anotava o que estavam fazendo, como estavam fazendo, observando e registrando as dinâmicas que envolviam o processo. Para ajudar, foram feitos registros de vídeo de todas as aulas observadas.

O caderno de anotações tinha o formato de bloco e foi entregue para as 30 crianças no primeiro dia da observação participante. As crianças foram convidadas a utilizá-los para registrar, da forma como quisessem, suas impressões sobre as aulas, as atividades musicais e a forma como as desenvolviam. Elas podiam usar o caderno nas aulas e em casa, durante todo o período que estariam sendo realizadas as observações participantes.

As entrevistas de grupo focal foram realizadas nas dependências da Universidade Estadual de Maringá em dois momentos, em horários escolhidos pelos pais. Em cada um dos momentos, as crianças foram separadas em 3 grupos menores para que pudessem interagir melhor debatendo as ideias propostas. O primeiro momento aconteceu no final do mês de maio, e o foco das entrevistas se voltou para as perspectivas, sentidos e interpretações das crianças em relação ao processo. O segundo momento aconteceu no início de julho, após a conclusão do semestre e das observações, e as crianças ficaram em grupos diferentes dos do primeiro momento. Pequenos vídeos das brincadeiras e dos jogos realizados nas aulas foram preparados para que as crianças pudessem assistir e, a seguir, discutir e conversar sobre o processo.

Para analisá-las, as observações foram filmadas e armazenadas num *pendrive* e também num HD externo e organizados numa pasta com número e data da observação realizada, material que se configurou num diário de campo, cujas atividades foram numeradas conforme o dia da realização da aula, no qual foram descritas as brincadeiras e jogos realizados em aula, transcrevendo como realizavam essas atividades e procurando

capturar suas ideias, gestos, comportamentos de como se sentiam e como se articulavam para realizá-las.

As entrevistas de grupo focal foram registradas em áudio e vídeo para captar as falas e os gestos das crianças durante as discussões e reflexões em grupo. Esses materiais também foram armazenados no HD externo e em *pendrive* no qual foram organizados de acordo com o grupo e o dia da entrevista. As entrevistas foram transcritas em arquivos separados de acordo com o grupo e foram realizadas marcações no texto transcrito usando cores diferentes para cada tema que aparecia nas falas das crianças.

Os cadernos de anotações foram fotografados nos dois momentos das entrevistas de grupo focal e também em alguns momentos da aula. As fotos foram armazenadas no HD externo e separadas num arquivo para cada criança.

Após isso, organizamos as falas das crianças, dividindo-as pelas temáticas que apareceram e organizamos outro arquivo para cada tema. Depois voltamos ao diário de campo das observações e procuramos nos relatos pontos com temáticas que se repetiam nas entrevistas e nos cadernos. Apareceram os temas: aprendizagem musical holística; interação com os pares nos trabalhos em grupos; tempo e espaço para realizar as atividades.

O que as crianças fazem, falam e escrevem!

Diversas brincadeiras cantadas e jogos musicais foram realizados. Os dados coletados das observações revelam o que as crianças fazem e falam do processo de aprendizagem musical que aconteceu nas aulas. As atividades foram descritas, as letras das músicas e das brincadeiras foram transcritas, detalhando os movimentos e a maneira de jogar, além de alguns aspectos sobre o processo dos grupos negociando as ações e ideias sobre o momento da transmissão e reinvenção das brincadeiras e dos jogos criados. Elas foram separadas nos seguintes conjuntos de atividades: brincadeiras cantadas; invenção dos jogos musicais com as notas musicais; jogos de mãos, jogos vocais e jogos de copos.

As crianças aprenderam brincadeiras e jogos novos e puderam intervir de formas diferentes: modificaram textos e melodia; reinventaram movimentos e ritmos; inventaram brincadeiras e jogos novos; inventaram textos, melodias, movimentos e ritmos novos. Elas

puderam, também, decidir como queriam cantar e realizar a brincadeira ou o jogo, decidindo a performance daquela atividade. E ainda ensinaram brincadeiras e jogos aprendidos nas aulas de aprendizagem musical.

Procurando responder como as crianças se apropriam das brincadeiras cantadas e dos jogos musicais e os transmitem e reinventam numa oficina de música com crianças, buscamos gestos, ações, falas, escritos nos dados das observações participantes, dos cadernos, mas principalmente nas entrevistas de grupo focal, que mostrassem o processo de aprendizagem das brincadeiras e dos jogos que fizeram na aula de música. Com isso, separamos três categorias que consideramos relevantes para o objetivo da pesquisa.

Processos de aprendizagem musical

A primeira categoria se relaciona a como as crianças entenderam os processos de aprendizagem musical ao realizar as diversas atividades. Para compreender como aconteciam os processos de aprendizagem das crianças e como entendiam esse processo de aprendizagem foi preciso olhar para o processo como um todo e não de forma separada. Ou seja, não olhar primeiro para como se apropriaram para depois transmitir ou depois reinventar, mas para todo o processo, pois entendemos que tudo aconteceu ao mesmo tempo: de forma holística, no dizer de Marsh (2008).

Quando aprendiam uma brincadeira e um jogo com a professora ou com os colegas, as crianças não esperavam para ouvir e ver como faziam. Elas queriam ir realizando junto, olhando e fazendo ao mesmo tempo: aprendiam fazendo. Quando a professora e os colegas ensinavam alguma brincadeira mostrando ao mesmo tempo e não paravam para ficar explicando as partes, a apropriação da brincadeira e do jogo acontecia de modo mais rápido e mais significativo para o grupo.

Porém, quando a professora queria fragmentar uma brincadeira para ensinar partes separadas, mais devagar, as crianças sempre ficavam mais impacientes; e quando isso acontecia, elas diziam que esqueciam o começo, que demorava muito e que ficava mais difícil, perdendo rapidamente o interesse. As crianças entendem que a aprendizagem de uma canção, de um jogo, deve acontecer em sua totalidade, de maneira holística, porque faz

mais sentido tocar tudo, cantar tudo. Elas entendem que aprendendo em sua totalidade as canções, ou os movimentos de um jogo, obtém-se mais fluidez e, assim, a apropriação se torna mais significativa e fica mais fácil.

Interação com os pares nos trabalhos em grupo

A segunda categoria discute os trabalhos relacionados em grupos menores mostrando como aconteceram as interações com os pares. Para realizar as brincadeiras cantadas e os jogos musicais, em quase todas as aulas as crianças fizeram trabalhos em pequenos grupos que tinham formações variadas em cada aula.

Esses trabalhos em grupo permitiram, na maioria das vezes, que as crianças negociassem as ações que queriam desenvolver em determinada atividade, aprendessem umas com as outras, interagindo entre si e adquirindo diferentes aprendizados por meio da troca de conhecimentos e de ideias com seus pares para as aprendizagens musicas em grupos.

As crianças disseram que valorizam o aprendizado com a professora, mas também acham muito importante aprender com os amigos, porque, segundo elas, “não fica a ideia de uma pessoa só e não fica só um jeito de fazer”: podem aprender a mesma brincadeira de várias formas, porque há várias ideias envolvidas, e assim, elas percebem que não existe só um único jeito de fazer uma música, mas podem experimentar muitas possibilidades e usar aquela que mais lhes agrada. Assim as crianças se apropriavam de novas aprendizagens, novas atividades, e, por meio delas, inventavam e reinventavam novas formas de fazer a mesma brincadeira.

À medida que os trabalhos em grupo foram acontecendo, as interações entre as crianças melhoraram. Elas já esperavam essa dinâmica e ficavam ansiosas para ver qual tipo de atividade em grupo fariam naquela aula e o que deveriam inventar. Performances, textos e melodias criadas e reinventadas para a realização dos jogos foram ficando cada vez mais elaborados. A cada atividade em grupo observávamos as crianças mais envolvidas e entusiasmadas. A partir do momento em que se sentem parte de um grupo, elas se apropriam facilmente de uma brincadeira e de um jogo e se sentem confiantes e livres para

modificar da forma como acham mais interessante para brincar, transmitindo com mais facilidade.

Espaço e tempo para brincar na aula de música: construindo autonomias

A terceira categoria trata do tempo e do espaço dados nas aulas para desenvolver as autonomias para realizar as atividades. Ao analisar o que realizaram nas atividades, percebeu-se que as crianças tiveram espaços para serem autoras do seu processo de aprendizagem. Elas puderam decidir o que e como queriam realizar um jogo conhecido, reinventando-o para que ficasse mais interessante. As crianças se apropriaram dos jogos que transmitiram e reinventaram na aula de música e se sentiram “donas” deles. E, quando as crianças têm espaço para escolher e decidir como vão fazer, elas acham divertido e “legal” porque foram elas que escolheram. Elas se sentem não só estimuladas e motivadas, mas valorizadas, pois constroem o próprio processo de aprender.

Com relação ao tempo, observamos que as crianças tiveram opiniões bem variadas. Algumas acharam o tempo insuficiente para pensar, decidir, ensaiar e ensinar como realizariam as atividades, enquanto outras o consideraram adequado. Nos trabalhos em que as crianças não se dividiram em grupos e que fizeram tudo juntas, elas foram unânimes em dizer que foi adequado o tempo para fazer o jogo, dar as ideias para modificar, criara performance e de planejar como seria realizado. Com relação aos trabalhos nos grupos menores, a maioria disse que conseguiu decidir a performance e transmitir suas ideias para ensinar os colegas. Porém, em algumas atividades, várias crianças julgaram insuficiente o tempo dado para ensaiar e ensinar.

Considerações

Com fundamento nas práticas observadas, podemos afirmar que as crianças aprendem, ensinam e reinventam as brincadeiras cantadas e os jogos musicais ao mesmo tempo, num processo holístico de aprendizagem, trocando experiências, colaborando entre os pares, desenvolvendo autonomia dentro de um espaço e tempo para as aprendizagens musicais.

Tanto nas brincadeiras cantadas como nos jogos de mão, vocais e de copos, nos grupos as crianças compararam que fazer som com a boca, com copos, com o corpo ou com instrumento é tudo a mesma coisa, tudo é fazer música. Elas disseram que só muda o som, mas a forma como modificam esses sons de que se apropriam faz com que se transformem em música. Algumas crianças entendem que só se pode tocar ou inventar uma música com instrumentos. Dessa forma, elas tiveram momentos de reflexão, entendendo que ao se apropriar desses sons diferentes elas os manipulam, modificam-nos e os transformam em música.

Às vezes, na sala de aula o professor alega que não sabe o que trabalhar porque não tem instrumentos, ou que determinadas atividades são “simples”, usadas como passatempo e não sabem como explorá-las. Diante dessas práticas dos alunos e das suas falas, percebe-se que os professores podem gerar outras possibilidades para desenvolver a aprendizagem da música, usando outros materiais, outras formas de desenvolver o conhecimento e perceber como isso pode ser relevante para os alunos.

Os dados coletados mostraram que as crianças aprendem música de várias formas e, de modo geral, na aula de música elas aprendem “fazendo junto” e aprendem a “fazer música brincando”. Muito mais do que desenvolver um conteúdo musical, o brincar nas aulas de música proporcionou momentos de entrega, alegria, envolvimento e prazer. Ao observar como as crianças manipulavam as brincadeiras e os jogos nas aulas, foi possível perceber que por meio dessas atividades lúdicas elas aprendiam o conteúdo de maneira mais prazerosa e motivadora, o que as animava cada vez mais a cada aula. Mas o que vimos foi além disso. Foram momentos que se baseavam na proposição de desafios, na criação de possibilidades, na cessão de tempo e espaço para que os alunos pudessem interagir e aprender com os outros colegas, trocando experiências e desenvolvendo autonomia nas decisões das performances.

O ambiente lúdico das aulas de música abriu um leque de possibilidades de interação e construção de conhecimento colaborativo, o que possibilitou que as crianças se socializassem com mais facilidade e assim se apropriassem dos jogos que aprendiam nas aulas. Isso propiciou momentos de envolvimento com um potencial transformador presente

em ações criativas das crianças que se sentiam seguras para modificar ou transmitir uma brincadeira que conheciam ou que já haviam realizado nos grupos em aula. Isso facilitou o processo de apropriação, transmissão e reinvenção das brincadeiras e jogos musicais no ambiente da sala de aula.

Dessa forma, o sentimento de alegria das crianças com a aprendizagem musical vinculada à diversão, ao aprender brincando, leva-nos a refletir que a dicotomia aprender e se divertir nas aulas de música deve ser repensada. Ao utilizar atividades lúdicas nessas aulas, os professores devem saber que as brincadeiras não podem ser consideradas passatempo superficial e sem relevância, ou que brincando elas não estão aprendendo nada. Devem estar conscientes de que precisam proporcionar momentos assim para que as crianças se sintam bem naquele ambiente e a aprendizagem musical lhes seja enriquecedora.

As crianças construíram uma cultura musical rica e elaborada. Elas apresentaram atividades criativas, desafiadoras, complexas e divertidas, que foram muito significativas para que a aprendizagem musical acontecesse. Além disso, ao dar voz às crianças, os professores permitem que suas ideias sejam incorporadas às atividades musicais. Disso se infere que os resultados de estudos dessa natureza podem contribuir para repensar as metodologias de ensino musical. Tal perspectiva também valoriza a aprendizagem entre as crianças, desenvolvendo sua autonomia, sua capacidade de elaborar suas próprias ideias de música, reconhecendo ainda a perspectiva delas sobre os próprios processos de aprendizagem musical.

Referências

MARSH, Kathryn. *The Musical Playground: global tradition and change in children's songs and game*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. *Exploring children's musical play*. In: BURNARD Pamela; MURPHY, Regina. *Teaching music creatively*. 2013

SOUZA, Fernanda de. *Os jogos de mãos: um estudo sobre o processo de participação orientada na aprendizagem musical infantil*. 2009, 222p. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Música da UFPR, Curitiba, 2009.